

Paulo Mendes da Rocha: Existência como projeto

Fernando Viegas e Maira F. Rios¹

¹ Fernando Viegas e Maira Rios, atualmente professores e membros da diretoria da Associação Escola da Cidade, estudaram na FAUUSP, onde tiveram o privilégio de conhecer o arquiteto Paulo Mendes da Rocha enquanto professor. Ambos tiveram a oportunidade de colaborar com o arquiteto em alguns de seus projetos. Paulo Mendes da Rocha foi orientador do trabalho final de graduação de Fernando em 1994 e Maira desenvolveu em 2013, sob orientação de Helena Aparecida Ayoub Silva, na FAUUSP, o mestrado "Intervenção na Preexistência – O projeto de Paulo Mendes da Rocha para transformação do educandário Santa Teresa em Museu de Arte Contemporânea".

Ao escrever sobre Paulo Mendes da Rocha é impossível dissociar autor e obra. Sua trajetória foi marcada pela maneira como ampliava o campo de discussão da arquitetura enquanto parte de uma construção maior, civilizatória, cuja matéria principal era a cidade.

O arquiteto demonstrava fascínio pelo cotidiano e atenção às menores manifestações humanas. Os exemplos são inúmeros: a observação do movimento do porto na Vitória de sua infância; o som de crianças brincando como um alarido de passarinhos enquanto praticavam aulas de física ao empinar pipas para compreender a natureza como fenômeno; o vento que trouxe as caravelas cinco séculos atrás, naquele momento representando a mais alta técnica de domínio das forças naturais para enfrentar o oceano desconhecido. De forma análoga, em uma conversa, Paulo Mendes da Rocha jamais discorria sobre algo específico referente a um projeto – realizava verdadeiras construções de conceitos, princípios éticos, argumentos históricos que, nas estrelinhas, iríamos perceber afirmadas em suas obras. As lições tinham como intenção instigar a crítica, muitas vezes incomodar, constituindo diálogos socráticos, com generosidade de professor.

Ao falar literalmente de arquitetura, não falava sobre seus projetos, mas interpretava o trabalho de outros arquitetos com visão imaginativa, estabelecendo sempre novas percepções. Desde as pirâmides, como uma máquina para se colocar uma pedra nas alturas; passando pelos jardins suspensos da Babilônia; a cúpula de Brunelleschi e sua inversão na catedral de Brasília. Aliás, Oscar Niemeyer foi sempre uma importante referência. Inúmeras vezes comentou a inteligência construtiva de suas obras, em especial do Edifício Copan, que ao se dobrar adquiria inércia para suportar as cargas de vento além de condensar uma visão urbana de densidade, diversidade, conexões e novas possibilidades de ocupação do solo. O Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, projeto de David Libeskind – nascido em 1928 também – era outro exemplo citado sobre a possibilidade de uma cidade desenhada a partir da ideia de quadra como unidade mínima urbana. Enxergou nas obras de Afonso Reidy uma ponte entre a heroica arquitetura moderna carioca e seus desdobramentos em São Paulo, já em seus primeiros trabalhos, como o Ginásio do Clube Atlético Paulistano.

Para ele, esse movimento teve continuidade também nas obras de Artigas, que, além da parceria, ampliou a carga política de seus discursos e o senso de responsabilidade representativa na universidade e no IAB.

Sua presença, assim como sua obra, tiveram grande impacto e formaram algumas gerações de arquitetos, especialmente aqueles graduados nos anos 1990 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo, num momento de abertura política em que foi possível resgatar “o fio da meada”² de um processo cultural brutalmente interrompido pela ditadura militar. A volta de Paulo Mendes da Rocha à FAUUSP, a construção do MUBE e a edição dos livros com obras de Lina Bo Bardi e Vilanova Artigas construíram um ambiente de revalorização destes personagens basilares de nossa arquitetura. No atual momento político em que vivemos, fica evidente a importância de estudarmos como Artigas manifestou na própria obra as posições políticas, contradições que vivemos, de forma tão poética. Lina, que teve seu trabalho reconhecido internacionalmente, culminando no Leão de Ouro deste ano em Veneza, condensou uma profunda reflexão, também expressa em construções, sobre qual seria nossa contribuição cultural original. Paulo Mendes da Rocha afirmava que os temas da arquitetura eram universais, a gravidade era a mesma para todos, porém percebida desde um lugar. Os três, vindos de fora, escolheram São Paulo como o local de moradia para pensar o mundo e onde construíram suas principais obras. Outro aspecto importante da produção do arquiteto é a dimensão do trabalho colaborativo, ele trabalhou com inúmeros escritórios parceiros com os quais estabeleceu a coautoria de seus projetos.

Paulo Mendes da Rocha se interessava muito pelos ensaios de grandes escalas, como os projetos para Neguev, de Niemeyer; o projeto de Rino Levi para Brasília; a Baía de Tóquio, de Kenzo Tange; e inúmeros projetos dos construtivistas russos. Via como especulações de grande liberdade, que tinham o poder de colocar o homem como projetista de seu destino³. De Le Corbusier surgiu a ideia, tão repetida ao longo de sua atuação: arquitetura para amparar a imprevisibilidade da vida⁴. Tudo isso para dizer que se amparava na cultura, nunca como gênio isolado, mas como articulador de pensamentos cruzados de várias fontes. Se possível, citava Jorge Luis Borges, o Galileu de Brecht, Hanna Arendt, Picasso, Walter de Maria, Guimarães Rosa, ou mesmo Tom Jobim, Caetano Veloso, Cartola e Pixinguinha, a ponto de escrever no memorial do concurso para o pavilhão de Osaka os versos da canção popular “Chão de estrelas”, sugerida por um elo-

² “A cidade para todos”, pp. 171, texto que integra o livro “Paulo Mendes da Rocha”, Editora Cosac & Naify, org. Rosa Artigas.

³ Referência ao texto de Giulio Carlo Argan, “Projeto e Destino”, publicado no Brasil pela Editora Ática, traduzido por Marcos Bagno, em 2000, em que Paulo Mendes da Rocha escreveu a orelha do livro. Onde destaca que “Projeto e Destino abre um conjunto de ensaios em que o homem surge perante a natureza enquanto autor de sua transformação, e a cidade, com a monumentalidade da figura humana no planeta”. Para o arquiteto, Veneza foi um modelo exemplar dessa transformação.

⁴ Título de ensaio que integra o livro “Que horas são?”, de Roberto Schwarz, Companhia das Letras, 1987, em que analisa o filme “Cabra marcado para morrer”, de Eduardo Coutinho e destaca que “(...) nada é mais comovente que reatar um fio rompido, completar um projeto truncado, reaver uma identidade perdida, resistir ao terror e lhe sobreviver.”pp72.

gio de Manuel Bandeira. Gostava de Ahmad Jamal e adorava a ideia de que o jazz, tão importante para o século XX, foi feito em “caverninhas” improvisadas nos subsolos de Nova Iorque. Talvez como ideal máximo de como as cidades podem ser surpreendentes e acessíveis.

⁵ OTONDO, Catherine, “Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha” Tese de doutorado, FAUUSP, 2013, pp 170.

Impressiona a capacidade do arquiteto em transitar com precisão por todas as escalas e, ao mesmo tempo, perceber e iluminar o essencial em cada uma delas. A geografia, como primordial arquitetura⁵, era para Paulo Mendes da Rocha a “disciplina informativa” para mensurar a condição de nossa existência no território das Américas. Essa aproximação já indicava uma profunda revisão do colonialismo e a América como um projeto em contraponto ao Tratado de Tordesilhas. Conexões fluviais, portos, ferrovias, toda a infraestrutura dos avanços da engenharia para evitar os desastres de uma ocupação simplesmente predatória e extrativista, e sim almejando a construção de uma rede de cidades mais equilibrada e de integração continental. Tratava-se de ver o campo de atuação do arquiteto na perspectiva da disposição espacial mais ampla do habitat humano. Assim surgiram os projetos para uma nova cidade no Rio Tietê, interior de São Paulo, a nova Baía de Montevideo, de Vitória, ou o projeto para a postulação dos jogos olímpicos na metrópole paulistana. A ação principal dessas propostas de grande escala é a ideia de transformação da natureza para construção de lugares, recintos adequados para a vida humana contemporânea – a existência no território de forma harmoniosa como consequência de um desenho.

Como exemplo da sua capacidade de transição entre as diferentes escalas podemos tomar o projeto para a Pinacoteca do Estado em São Paulo, concluído em 1998, premiado em 2000 com o prêmio Mies Van der Rohe para a América Latina (nota identificando Colonnelli como coautor). A presença da escala da cidade contemporânea na obra se dá na alteração da entrada do edifício existente e, portanto, inversão do eixo neoclássico a partir do acréscimo de novos elementos: passarelas e coberturas. Os novos elementos, ao contestarem o eixo original, estabelecem uma relação única e indissociável – relacional e crítica – com o edifício preexistente e garantem a sua articulação entre tempos e escalas, inserida no momento e na metrópole.

A intervenção de Paulo Mendes da Rocha permitiu que a estrutura do edifício neoclássico projetado para o Liceu de Artes e Ofícios por Ramos de Azevedo em

1905, passasse de uma sequência de salas a um espaço fluido, visível a partir de diferentes pontos, com outros potenciais percursos. E toda esta operação é realizada com uma impressionante economia de elementos adicionados às alvenarias existentes – as imprescindíveis novas coberturas, passarelas e conexões verticais. A proposta apresenta um elogio aos trabalhadores que a construíram, expondo a alvenaria sem revestimento, sem adornos. As novas e delicadas coberturas de aço e vidro, que remetem assumidamente ao edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, projeto de Vilanova Artigas, parecem flutuar sobre as paredes da ruína inventada pela intervenção e desenham novos espaços internos dotados da luz exterior. O detalhe da cobertura discute ainda o próprio fenômeno da chuva ao propor um vidro totalmente plano. Com muita inteligência a proposta ainda desvenda, na estrutura do octógono central, a possibilidade de um auditório e suas áreas de apoio. E com maestria é feita a transição para a escala dos demais objetos: as passarelas opacas – rasgos horizontais dos antigos pátios – e as circulações verticais com seus elegantes pormenores. A engenhosidade do arquiteto transparece nos encontros entre cada novo elemento e a estrutura existente, ajustando níveis em menor escala e garantindo muita delicadeza ao tocar as antigas alvenarias.

A operação de ocupar a arquitetura de um outro tempo culmina com uma das últimas obras do arquiteto, em parceria com MMBB, o SESC 24 de Maio, que de certa forma utiliza princípios já antes colocados em sua trajetória. Na escala do território, do edifício, do objeto e do detalhe, a Pinacoteca é uma intervenção arquitetônica que recupera um edifício degradado, reverte a lógica espacial da construção preexistente oferecendo não só uma visão histórica crítica como uma experiência contemporânea por meio de delicadas e contundentes novos objetos adicionados em singelas conexões com o preexistente.

Não mexemos nas estruturas. São obras puramente de sustentação técnica para que o edifício fique bem conservado e seja mais bem utilizado. Com seu novo eixo, a Pinacoteca cria passagens inesperadas por vazios. Agora você passa a frequentar o que já existia.⁶

No outro extremo, em menor escala, uma cadeira juntava os mundos de uma peça industrial construída com uma única barra de aço dobrada dez vezes e com um único ponto de solda, vestida por um tecido que resiste à tração, como a rede indígena, inclusive com seu balanço. E agora, mais de meio século depois, a nova coleção de mobiliário de aço para o SESC que se

⁶ Paulo Mendes da Rocha em entrevista a Celso Fioravante, publicada na Folha de São Paulo, em 1998 (Ilustrada p.3 fev 1998).

inspirou nos tripés de vergalhão construídos na própria obra pelos operários. Os detalhes de um edifício muitas vezes eram ressaltados em seus discursos e iluminavam toda a obra como solução técnica. Uma síntese de um novo mundo a ser construído.

Qualquer artefato era motivo de reflexão e criatividade, como se tudo tivesse que ser imaginado novamente enquanto oportunidade de reafirmar o que se sabe, sempre com a radicalidade de repensar desde a origem. Como as cidades, que nunca estão prontas, e que nosso trabalho é permanentemente refazê-las.

O virtuosismo do desenho das plantas nunca era exibição de destreza, ao contrário, as linhas estavam em busca de liberar espaço em todas as direções, como se a dimensão geográfica das Américas pudesse habitar cada ambiente. As mesmas infraestruturas que desenham territórios, organizam um edifício, como “castelos”, termo emprestado da arquitetura naval, que condensavam estruturalmente os espaços servidores para liberar os amplos salões. Mas nenhuma ferramenta era mais precisa que um desenho seu, em corte, para relacionar a escala humana com o espaço, onde o que interessa não é o volume, mas o vazio que confere as continuidades. Concreto e aço desenhados de maneira singular, não como componentes, mas como planos que se desdobram em “disposições espaciais”, ensaiados em maquetes de papel. Uma arquitetura para promover infinitas perspectivas, diluições de interior e exterior, edifício e cidade, cidade e território. Ampliar o mundo, visto desde a América.

A atualidade das obras assinadas por Paulo Mendes da Rocha continuará impulsionando a produção arquitetônica de forma viva – ao contrário de uma nostalgia, são contemporâneas, não como instrumentalização formal, mas apontam atitudes que podemos incorporar aos nossos tempos.

[A arquitetura] é um discurso sobre a possibilidade do que fazer e, portanto, ser. A nossa existência é coisa alguma a não ser o que fazemos. Uma construção não pretende superar nada, simplesmente é como se dissessemos ‘vamos ver de novo o quanto é belo aquilo’. A construção da cidade, do espaço e dos recintos habitáveis é uma questão muito intrigante e não pretende desafiar nem espantar ninguém com a técnica. A ideia que comove na arquitetura é a capacidade de mobilizar o conhecimento que já existe para uma realização candente, que desperta emoção. Arquitetura é a passagem, digamos, entre a parte indizível, subjetiva dos desejos e necessidades humanas, à luz das ciências naturais, que são a física, matemática, mecânica, resistência dos materiais...⁷

⁷ Techne, n.35, p.18-23, set./out. 1998.

Referências

Livros

ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ARTIGAS, Rosa (Org.). *Vilanova Artigas – arquitetos brasileiros*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi / Fundação Vilanova Artigas, 1997.

ARTIGAS, Rosa (Org.). *Paulo Mendes da Rocha*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ARTIGAS, Rosa (Org.). *Paulo Mendes da Rocha: projetos 1999-2006*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GUERRA, Abílio (Org.). *Textos Fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. Volumes 1 e 2. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

MILHEIRO, Ana Vaz. *A Construção do Brasil. Relações com a Cultura Arquitetônica Portuguesa*. Porto: Publicações FAUP, 2005.

MONTANER, Josep Maria; VILLAC, Maria Isabel. *Paulo Mendes da Rocha*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1996.

MONTANER, Josep Maria. *Arquitetura e crítica*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2007.

OTONDO, Catherine e GOUVEA, José Paulo. *Itinerários de Arquitectura 06*, Paulo Mendes da Rocha. Córdoba: Fundación Arquitectura Contemporânea, 2011.

PESSOA, José (Org.) Lúcio Costa: *Documentos de trabalho*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.

PIÑÓN, Helio. *Paulo Mendes da Rocha*. São Paulo: Romano Guerra, 2002.

SOLOT, Denise Chini. *Paulo Mendes da Rocha. Estrutura: o êxito da forma*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004.

SPIRO, Annette. *Paulo Mendes da Rocha. Bauten und Projekte*. Zúrique: Niggli 2002.

VILLAC, Maria Isabel (Org.) *Paulo Mendes da Rocha: América, natureza e cidade*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

WISNIK, Guilherme (Org.). *Paulo Mendes da Rocha*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial 2012. 264p. (Coleção Encontros).

Teses e dissertações

ANDRADE, Antonio Luiz Dias de. *Um Estado Completo que Pode Jamais ter Existido*. 1993. Tese (Doutoramento em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

JORGE, Luís Antônio. *O espaço seco: imaginário e poéticas da arquitetura na América*. 1999. Tese (Doutoramento em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

OTONDO, Catherine, *Relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha*. Tese de (Doutoramento em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Artigos em periódicos

REVISTA 2G Paulo Mendes da Rocha: Obra reciente, Barcelona: Gustavo Gili, n. 45, 2008.

SALVO, Simona. A intervenção na arquitetura contemporânea como tema emergente do restauro. *Pós: Revista do programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo da FAUUSP*, São Paulo, nº 23, p. 199-211, junho 2008.

SPIRO, Annette. Você sempre entra por uma porta e sai por outra. Trad. Catherine Otondo. *Pós: Revista do programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, São Paulo, nº 25, pp. 34-55, junho 2009.

TELLES, Sophia Silva. Paulo Mendes da Rocha. *Catálogo 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo*, Fund. Bienal - SP, v. 1, p. 178-181, 1999.

TELLES, Sophia Silva. A Arquitetura como ação. *Jornal de Resenhas Seis Anos*, Discurso Editorial - SP, v. 2, p. 116-117, 1998.

Entrevista Paulo Mendes da Rocha. *Revista Caramelo*, FAU-USP, v. 1, novembro 1990.

Entrevista Paulo Mendes da Rocha. *JA Jornal de Arquitectos*, Samora Correia: Porto, v.203, novembro-dezembro 2001.

KURKDJIAN, Jorge Zaven; ROCHA, Paulo Archias Mendes da; ZANETTINI, Siegbert; RODRIGUES, Sidney; FRUCHTENGARTEN, Julio. Uma nova era para o aço [Depoimento a Eric Cozza]. *Techne*[S.l: s.n.], 1998.